

Caros convidados, queridos membros, amigos da Associação *Kultur und Volk*,

Hoje é um dia especial para celebrar. Há exatamente 50 anos, era também uma Quinta-feira, Portugal libertou-se da ditadura autoritária do Estado Novo através de um golpe de Estado, liderado pelo grupo militar de esquerda "Movimento das Forças Armadas (MFA)" e apoiado pela população. Este dia foi um passo importante para a democratização em Portugal e na Europa. É com prazer que hoje podemos celebrar este dia com os nossos convidados, colegas, camaradas e amigos portugueses. Hoje, 50 anos depois, queremos captar os dias da "Revolução dos Cravos" com documentos contemporâneos e uma pequena contribuição cultural.

Para uma melhor compreensão, tomamos a liberdade de explicar brevemente a cronologia dos eventos em movimento rápido. Começamos pelo ano de 1926.

1926 - A primeira república torna-se uma ditadura autoritária através de um golpe de Estado sob o general Gomes de Costa.

1932 - O governo militar entrega o poder a António de Oliveira Salazar, com todos os poderes necessários. Na altura, era ministro das Finanças.

Salazar proclamou o "Estado Novo", o "Estado Novo", uma ditadura conservadora-clerical-autoritária. A sua posição de poder era a sua relação declarada com a classe média alta, com os grandes proprietários, com a Igreja Católica e com os militares. Salazar também não deixou dúvidas sobre uma política colonial rigorosa, exploradora e brutal.

A repressão política, a introdução da censura à imprensa, a proibição de greves e a restrição da liberdade de reunião impediram uma oposição eficaz. Partidos politicamente progressistas foram proibidos. Isto aplicava-se, evidentemente, aos democratas liberais, aos sindicatos, aos sociais-democratas e aos comunistas. Muitos ativistas foram presos durante anos.

1936-1939 - Durante a Guerra Civil Espanhola, houve uma clara "fascização" com o apoio dos nacionalistas espanhóis através de ajuda material e logística durante a Guerra Civil.

1939-1945 - Durante a Segunda Guerra Mundial, Salazar orientou-se num meio-termo. Com uma hábil política de neutralidade, Salazar conseguiu fazer concessões aos Aliados e às potências do Eixo sem tomar partido. Salazar, porém, não deixou dúvidas sobre a política colonial.

1945 - Portugal controlava Cabo Verde, atual São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau, Cabinda e Moçambique em África, Diu, Damão e Goa na Índia, Macau na China e Timor-Leste no Sudeste Asiático. Salazar manteve esta pretensão às

colónias, pois estas significavam prestígio e riqueza económica. As colónias e o orgulho associado de ser a terceira potência colonial, juntamente com a Grã-Bretanha e a França, formaram a base do seu governo.

Só as grandes possessões coloniais permitiram que Portugal desempenhasse um importante papel internacional. O próprio paísperseguiu um "isolacionismo orgulhoso" ideologicamente motivado e permaneceu um Estado isolado do resto da Europa, sobre o qual as potências ocidentais tinham pouca influência.

Até ao final do seu reinado, Portugal tinha o menor rendimento per capita, a maior despesa militar, a maior taxa de mortalidade infantil, o menor orçamento para a educação e, com mais de 30%, a maior taxa de analfabetismo da Europa Ocidental. Politicamente, não havia, de facto, estruturas democráticas nem oposição.

1945-1968 - Enquanto no pós-guerra a prosperidade da população aumentou acentuadamente em grande parte da Europa, a maioria dos portugueses tinha um rendimento próximo do nível de subsistência. Estudar em uma universidade também era reservado principalmente para os poucos ricos devido à falta de apoio financeiro. A economia era predominantemente controlada por cerca de 30 famílias ricas, e havia uma grande troca de pessoal entre elas e o governo salazarista em termos de cargos governamentais. Muitos portugueses tentaram emigrar devido ao elevado desemprego, pelo que Salazar impôs a proibição da emigração em 1967.

1968 - Salazar, aos 79 anos, sofre um AVC, Marcelo Caetano torna-se seu sucessor e primeiro-ministro. Prosseguiu as políticas repressivas antidemocráticas, antissindicais e antissocialistas e prosseguiu brutalmente a guerra nas colónias, que absorveram metade do orçamento do Estado. Ao contrário de Salazar, foi um defensor de uma posição ainda mais dura contra os insurgentes.

As guerras de independência nas colónias portuguesas em África levaram a um crescente descontentamento entre os militares e a população. As contradições sociais e económicas catastróficas tornaram-se também cada vez mais evidentes.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, a luta anticolonial foi cada vez mais formada, apoiada pelos Estados socialistas da União Soviética e da RDA, que ainda existiam na época.

Os partidos de esquerda, comunistas, sociais-democratas e democratas ativos, que operavam ilegalmente, lutaram com todos os meios contra o insustentável condições antidemocráticas e coloniais.

Em fevereiro de 1974, António de Spínola, Vice-Chefe do Estado-Maior, publicou o seu livro "Portugal e o Futuro", que causou celeuma, sobretudo nos meios militares. Nele, Spínola analisou as contradições sistémicas de Portugal, que o levaram ao

isolamento económico e político dos outros Estados da Europa Ocidental. O futuro de Portugal depende sobretudo do desfecho da guerra colonial, que não pode ser vencida, custa demasiadas vítimas e devora até 50% do orçamento nacional. Spínola, alarmado com a pressão da população e dos partidos que operam ilegalmente, propôs uma "Nova Estratégia Nacional" em que seria garantida a participação do povo no processo decisório político e o direito das colónias à autodeterminação.

Para o MFA, o Movimento das Forças Armadas, este livro foi o sinal de novos começos e resistências. Criticou fortemente a política colonial do regime de Caetano. Por ter sido amplamente lido, o MFA recebeu o apoio necessário da população. O movimento consistia principalmente de jovens oficiais das patentes mais baixas, que foram treinados de soldados comuns para oficiais durante as guerras coloniais nas províncias africanas. Foram eles que sentiram em primeira mão todas as injustiças e brutalidades do sistema colonial.

Era hora de mudar alguma coisa, estava fermentando. Em 25 de abril de 1974, a ditadura autoritária do Estado Novo havia ultrapassado seu auge de poder.

Na noite anterior, às 22h55, a rádio tocou uma canção de amor completamente apolítica "E Depois do Adeus", de Paulo de Carvalho. A canção, na verdade a entrada de Portugal no Festival Eurovisão da Canção 1974, em maio, foi o primeiro sinal acordado para as tropas rebeldes no início do golpe de Estado.

No entanto, outra canção ficou famosa como revolucionária: "Grândola, Vila Morena", que foi proibida pela ditadura. Por volta das 00h20 do dia 25 de abril, o porta-voz da Rádio Católica, Rádio Renascença, leu as duas primeiras linhas, após as quais a música foi tocada duas vezes, cantada pelo cantor de protesto antifascista Zeca Afonso. Mesmo para os não iniciados, agora estava claro em todo o país que algo grande estava acontecendo.

Foi o sinal secreto para a utilização definitiva do AMF. Mudaram-se para Lisboa com viaturas militares para ocupar ministérios, estações de rádio e televisão e o Aeroporto. A operação clandestina espalhou-se por todo o país. No entanto, a maioria das tropas governamentais que tinham chegado desertaram imediatamente para os insurgentes.

Por volta do meio-dia de 25 de abril, as forças revolucionárias do MFA cercaram o quartel da polícia armada, a Guarda Nacional Republicana, onde o primeiro-ministro Caetano se refugiou. Após várias horas de cerco, no final da tarde o ditador declarou-se disposto a abdicar. Infelizmente, quatro pessoas morreram quando tropas leais ao regime dispararam contra os manifestantes desarmados.

Caetano, no entanto, declarou que só entregaria o poder ao general António de

Spínola para que "o poder não caia nas ruas". De Spínola, no entanto, não fazia parte do MFA e, portanto, não era o candidato preferido dos insurgentes. No entanto, em nome da entrega sem sangue, os dirigentes do MFA em torno de Otelo Saraiva de Carvalho aceitaram a oferta. Caetano foi levado por um porta-tropas para o aeródromo militar de Lisboa, de onde voou para a Madeira, exilando-se mais tarde no Brasil.

Durante todo o dia, milhares de lisboetas aplaudiram os libertadores, correndo ao lado dos veículos do exército e saltando para cima. Surgiram os primeiros cravos vermelhos que deram o nome à revolução, brilhando nos uniformes dos soldados e nos canos de seus fuzis. O cravo vermelho foi o símbolo internacional do movimento operário socialista, cujas ideias tiveram influência decisiva na Revolução Portuguesa.

Na noite de 27 de abril, os presos políticos foram libertados do calabouço da PIDE, em Caxias. Durante anos, os prisioneiros foram submetidos a tortura, isolamento e humilhação sem julgamento.

Mesmo antes de 1 de maio, muitos exilados e pessoas politicamente perseguidas regressaram do exílio. Mário Soares, do Partido Socialista, de Paris, e Álvaro Cunhal, do PCP, de Moscovo. Esteve 13 anos nas prisões da PIDE até conseguir escapar em 1960.

E ainda antes de 1 de maio, o primeiro governo provisório recebeu o seguinte mandato:

- Fim imediato da guerra colonial
- Amnistia geral para desertores e objetores de consciência- Libertação de todos os presos políticos
- Estabelecimento de uma ordem democrática
- Admissão dos partidos democráticos e sindicatos proibidos
- Preparação das eleições

Estes foram os primeiros passos de um importante processo de democratização que libertou Portugal do seu isolamento e abriu caminho a uma sociedade livre e progressista.